

Jogo 1 – Desbancando o Timão

Fluminense 1 x 0 Corinthians

Data: 26/09/1970

Local: Maracanã

Fluminense: Jorge Vitório; Oliveira, Galhardo, Assis e Marco Antônio; Denilson e Didi; Cafuringa, Flávio, Jair (Samarone) e Lula

Técnico: Paulo Amaral

Corinthians: Ado; Osvaldo Cunha (Mendes), Ditão, Luís Carlos e Miranda; Suingue e Rivellino; Paulo Borges, Célio (Servílio), Ivair e Lima

Técnico: Aimoré Moreira

Gol: Flávio, aos 6 minutos do 2º tempo

Árbitro: Agomar Martins

Renda: Cr\$ 76.466,00

Público: 18.111 pagantes

Expulsão: Lima

Acostumado a ganhar, o Fluminense vivia a dor de ter perdido (por apenas um ponto de diferença) o Campeonato Carioca para o Vasco – que quebrava um jejum de doze anos sem títulos. Mesmo colocando água no chope do clube de São Januário, ao vencer o jogo da entrega das faixas por 2 a 0 (gols de Marco Antônio e Mickey), o ambiente nas Laranjeiras às vésperas do início da Taça de Prata não era dos melhores.

Diante da cobrança por reforços para a disputa que envolveria os dezessete melhores clubes brasileiros (uma super Primeira Divisão), o vice-presidente de futebol João Boueri avisava que a contratação de qualquer novo jogador estava totalmente fora dos planos da diretoria. Segundo ele, o risco de um grande inves-

timento, enquanto os clubes não se transformassem em empresas capazes de “viver de rendas capitalizadas e não exclusivamente das arrecadações dos jogos”, era muito grande.

O dirigente acabava assim com qualquer especulação sobre a contratação de um jogador de categoria que fizesse companhia a Denilson no meio-campo. Didi era considerado apenas um jogador voluntarioso, sem a classe e a técnica dos grandes armadores para fazer a ligação do meio-campo com o ataque.

Mas não só Didi era questionado. O próprio técnico Paulo Amaral, que assumira o cargo no início do ano, ostentando razoável retrospecto, parecia na corda bamba. Nem o fato de o time ter tido a defesa menos vazada do campeonato recém-terminado (12 gols) e o ataque mais positivo ao lado do América (37 gols) – sem contar que Flávio fora o artilheiro, com 18 gols – deixava o treinador em situação confortável. Dizia-se que faltava ao time imaginação nas jogadas de ataque. Ou seja, orientação tática para que os jogadores deixassem de lado o manjado chuveirinho e passassem a atacar com mais objetividade. O Flu era, em última análise, considerado um equipe sem personalidade.

Era esse o clima entre os tricolores nos dias que antecederam a estreia na Taça de Prata contra um Corinthians que tinha em Rivellino a grande esperança de se tornar o melhor time do Brasil. Para piorar as coisas, o artilheiro Flávio sentia uma contusão do joelho que o afastara do jogo contra o Vasco, e Félix, goleiro tricampeão e um dos líderes do grupo, lutava para curar uma contratura na coxa. Samarone, outro astro do time, também andava às voltas com contusões, o que o impedia de entrar em forma.

Preocupado com seu cargo e os desfalques, Paulo Amaral não pensou duas vezes: orientou Didi para colar em Rivellino, o que, no raciocínio do técnico, faria com que pelo menos cinquenta por cento da força do alvinegro paulista se perdesse. Didi podia não ser um jogador de criatividade, mas, na marcação, era bastante eficiente.

Homem de forte personalidade, Paulo Amaral, em entrevista ao *Jornal dos Sports*, ignorava os que não acreditavam no time, garantindo que o Fluminense lutaria pelo título da Taça de Prata:

“O Fluminense comprovou no Campeonato Carioca que é um time forte, de grandes qualidades. E posso garantir que a nossa participação na Taça de Prata será muito mais brilhante. A guerra começa contra o Corinthians e as chances de vitória da nossa equipe são bem maiores do que imaginam. Quanto a isso, não resta a menor dúvida”, afirmou.

O artilheiro Flávio, mesmo sem estar cem por cento, enfrentaria pela primeira vez seu ex-clubes, do qual garantia não ter mágoas. Ele fazia coro com seu comandante e afirmava que o Flu tinha cacife para ir longe:

“Se não fomos campeões cariocas, foi porque a sorte não ajudou. Condições para isso, tínhamos. Acho que todo mundo viu. Mas o que passou passou. O negócio é a gente pensar na Taça de Prata. Pensar em ser campeão. Esse é o nosso objetivo e temos certeza que vamos chegar lá”, disse o goleador com impressionante convicção, ressaltando que a competição seria uma guerra, “briga de leão contra leão”.

Apesar de tantas declarações otimistas, numa tarde de sábado, dia 26 de setembro de 1970, diante de quase 20 mil tricolineiros, o Fluminense entrava em campo como uma incógnita. Teria o time condições de bater adversários tão fortes, os “leões” a que Flávio se referira? De quebra, a equipe ainda tinha a responsabilidade de melhorar a imagem do futebol carioca, já que Botafogo e Vasco haviam perdido para Cruzeiro e Ponte Preta, respectivamente, três dias antes, nos primeiros jogos da rodada inaugural da Taça de Prata.

Mas foi só a bola rolar para que todas as desconfianças em relação ao time se dissipassem. Ficava claro que Flávio e Paulo Amaral tinham razão e que as críticas em função da perda do bicampeonato carioca eram exageradas. Da mesma forma que, seis dias antes, quando vencera o Vasco por 2 a 0, o time mostrava entrosamento e muita força ofensiva.

Com apenas dez minutos de jogo, o goleiro Ado, reserva de Félix na seleção brasileira, já fizera duas defesas consideradas espetaculares. Anulado por Didi, Rivellino só ameaçava nas bolas paradas. Cafuringa fazia o lateral Miranda de gato e sapato. Pontadireita típico, muito veloz e insinuante, Cafu, como era também chamado, se exibia em excelente forma e, quando isso acontecia, era quase impossível contê-lo. Em seus melhores dias, guardadas as devidas proporções, ele lembrava Mané Garrincha. Era provocador e driblava sem piedade do seu marcador. Mesmo assim, graças a Ado, o placar do primeiro tempo não foi mexido.

Com a entrada de Samarone no segundo tempo, o time melhorou ainda mais. Foi dele o passe para que Lula sofresse um



Galhardo teve trabalho com o ataque do Corinthians, mas acabou levando vantagem

pênalti de Osvaldo logo aos três minutos. Liderados por Rivellino, sempre extremamente irritadiço, os corinthianos reclamaram muito do árbitro gaúcho Agomar Martins. Mas não teve jeito. Flávio cobrou com a força e precisão habituais, no canto esquerdo de Ado, que se esticou todo sem conseguir alcançar a bola. O Tricolor finalmente estava em vantagem. Para melhorar a situação, cinco minutos depois, o Corinthians ainda perdeu Lima, expulso por reclamação.

A partir daí, o jogo praticamente foi ataque contra defesa. Ado fazia milagres, Cafuringa continuava seu show particular – para delírio da torcida que o adorava – e o Fluminense tocou a bola com tranquilidade até o apito final.

O importante eram os dois primeiros pontos conquistados – o que devolveria paz e confiança ao elenco –, porém o placar magro de modo algum traduziu a indiscutível superioridade tricolor. O *Correio da Manhã* do dia 27 de setembro refletiu isso e também a rivalidade que existia entre Rio e São Paulo:

“Com uma vitória brilhante sobre o Corinthians, o Fluminense estreou na Taça de Prata e mostrou que os cariocas podem ainda fazer bonito papel, coisa que não tem acontecido nos últimos anos. Flávio, mais uma vez, deixou a marca do seu gol, apesar dos esforços de Ado, que fez defesas impossíveis para evitar uma goleada. Mas o ritmo de jogo do Fluminense foi mais uma prova de que o futebol paulista não é tão superior assim: tiveram que apelar para a catimba e acabaram com dez homens em campo, além da derrota merecida.”

Para o cronista Achilles Chirol, do *JS*, um dos mais importantes da época, o Fluminense mostrou virtudes de um campeão:

“Do ponto de vista tático, o Tricolor dominou o jogo. Teve organização previamente estabelecida com destaque para a severa marcação a Rivellino. Mas a sua superioridade repousa, acima de tudo, no estado físico dos seus atletas. Através da velocidade dos pontas Cafuringa e Lula e da participação ofensiva dos laterais Oliveira e Marco Antônio é que a defesa do Corinthians foi aberta diversas vezes. O time paulista reclamou do pênalti, mas o que de fato o derrotou foi um aspecto fundamental do futebol moderno: o desnível físico das duas equipes. Ganhou o Fluminense porque, neste terreno, é capaz de extrair o máximo de duas duplas que se complementam no ataque: Oliveira-Cafuringa

e Marco Antônio-Lula. Chegar à linha de fundo ainda é uma arma poderosa e o Fluminense, através destes jogadores, soube usá-la com excelente produtividade.”

Não por acaso, Cafuringa foi eleito o melhor jogador em campo pelo *JS*:

“Desde as rodadas do fim do Campeonato Carioca, o ponta tricolor vinha jogando bem. Contra o Corinthians, seu futebol, mais uma vez, foi veloz e desconcertante. De seus pés, saíram sempre jogadas de perigo. Miranda, seu marcador, ficou atordoado com sua velocidade e dribles. Cafuringa melhora a cada dia.”

Era o primeiro passo dado pelo Fluminense. O desafio seguinte seria ainda mais difícil. Superá-lo devolveria, definitivamente, a confiança aos jogadores e, sobretudo, à torcida.